

Vanessa Castro de Oliveira
Malena Gadelha Cavalcante
Leonardo Freire Vasconcelos
Alyne Mara Rodrigues Carvalho

RESUMO

O uso irracional de medicamentos é apontado como um dos fatores que propiciam intoxicações. O objetivo do estudo é analisar o perfil de indivíduos que se automedicam em uma farmácia comunitária no município de Itapipoca-Ce. Os dados foram coletados a partir de questionários distribuídos para adultos do sexo masculino e feminino na faixa etária entre 18 e 64 anos, sem nenhuma deficiência de comunicação. Foram analisados 98 questionários, com média de idade de 31,9 anos. Dos entrevistados, 61,2% foram do sexo feminino com nível médio prevalente (47,9%). Quanto à frequência 45,9% informaram praticar automedicação raramente. Cefaleia (21,5%), e Resfriados/Viroses (20,9%) foram os principais problemas apresentados para recorrerem a automedicação. A facilidade de acesso às farmácias (51,1%) foi a principal justificativa para tal conduta. Sobre riscos ao ingerir os medicamentos, 31,6% alegaram não saberem dos riscos que poderiam causar. A maioria (77,5%) buscava informações com Farmacêuticos (36,0%), Bulas (29,7%) e Parentes (16,2%). Dos entrevistados, 96,9% afirmaram compreender as informações recebidas enquanto 3,0% citaram que não compreendiam. Sobre a influência do farmacêutico, 58,1% afirmaram que esse profissional desempenha uma influência, enquanto 41,8% citaram que não. A população não percebe que a automedicação resulta em riscos à saúde, como interações medicamentosas, intoxicações e efeitos adversos. O farmacêutico possui capacidade para orientar sobre uso medicamentoso, riscos e benefícios no processo de saúde-doença.

DESCRITORES: Automedicação. Farmácia. Assistência Farmacêutica.

AUTOMEDICATION PROFILE IN A COMMUNITY PHARMACY IN THE TOWN OF ITAPIPOCA-CE

ABSTRACT

Irrational use of medication is pointed out as one of the factors that propitiate intoxication. This study aims at analyzing the individuals' profile who self-medicate in a community pharmacy in the town of Itapipoca-Ce. Data were collected from questionnaires distributed to male and female adults aged 18-64 years old, with no communication disorder. 98 questionnaires were analyzed, with median age of 31.9 years old. From the interviewees, 61.2% were females with a prevalent mean level (47.9%). As for the frequency 45.9% informed that rarely practice self-medication. Headache (21.5%), and Colds / Viruses (20.9%) were the main problems presented for resorting to self-medication. The easy access to pharmacies (51.1%) was the main justification for such behavior. Concerning the medicines, 31.6% said they did not know the risks that they could cause. The majority (77.5%) asked pharmacists for information (36.0%), the package insert (29.7%) and relatives (16.2%). From the interviewees, 96.9% said they understood the information they received while 3.0% said they did not understand. In regard to the influence of the pharmacist, 58.1% affirmed that this professional has some influence, while 41.8% said that they do not. The population does not realize that self-medication results in health risks, such as drug interactions, intoxications and adverse effects. The pharmacist has the ability to advice on medication use, risks and benefits in the health-disease process.

Enviado em: 29/03/2018
Aceito em: 08/08/2018
Publicado em: 28/09/2018

DESCRIPTORS: Self-medication. Pharmacy. Pharmaceutical Care.

1 INTRODUÇÃO

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (2014) define medicamento como um “produto farmacêutico, tecnicamente obtido ou elaborado, com finalidade profilática, curativa, paliativa ou para fins de diagnóstico”. Os fármacos são responsáveis por realizar a melhoria do bem-estar da população, proporcionando uma maior qualidade de vida devido aos seus inúmeros benefícios. Contudo, ao serem utilizados de forma inapropriada e de maneira excessiva podem representar um grande risco à saúde dos seus usuários (ARRAIS et al., 2016). A utilização de medicamentos sem prescrição médica ou por indicação de pessoas leigas, para o autocuidado dos sintomas percebidos pelo usuário, são atitudes consideradas prejudiciais ao processo de saúde individual (MARTINEZ et al., 2014).

No contexto da automedicação, o fato de receber informações, sugestões ou indicações de apresentações farmacológicas por outros indivíduos não certificados tecnicamente, como vizinhos, parentes, amigos ou atendentes de farmácia se caracterizam como uma prática ilegal da área médica-farmacêutica (PICON et al., 2014). O indivíduo ao se automedicar pode acarretar diversos efeitos adversos, inclusive a intoxicação pelo uso irracional (MARTINEZ et al., 2014). O uso de medicamentos sem a prescrição ou sem a devida orientação é uma ação prejudicial à saúde, pois já se sabe que nenhum produto farmacológico é totalmente inofensivo ao organismo, mesmo drogas consideradas “comuns” pela comunidade podem ocasionar diversos efeitos nocivos (CORELLI et al., 2014).

A precariedade do atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS), a dificuldade de acesso à atenção básica, a facilidade em acesso a farmácias e drogarias e o incentivo de propagandas de medicamentos de venda livre são fatores que influenciam a prática da automedicação (MARQUES, 2014).

O SUS foi criado com princípios doutrinários de práticas assistenciais e sanitárias adequadas e competentes. No entanto, a sua má administração o conduziu a uma deficiência no atendimento. Essa deficiência gerou para a maioria dos cidadãos, principalmente de baixa renda, a procura por soluções alternativas de tratamento para suas enfermidades, se diagnosticando e gerando dessa forma o uso excessivo de medicamentos (SOUZA et al., 2008).

O consumo irracional de fármacos e a dificuldade para consultar-se com um médico estimularam a ida desses pacientes às farmácias e drogarias, em busca de orientação medicamentosa (PICON et al., 2014). Alguns dos motivos que impulsionam a automedicação são: cefaleias, inflamações de garganta, influências, corizas e arboviroses, entre outros problemas. Para que se consiga o alívio dos sintomas os pacientes buscam medicamentos de venda livre, e se automedicam sem a orientação do profissional da saúde, isso porque são influenciados pela crescente publicidade (MENGUE et al., 2016).

Motivada por fatores comerciais, a indústria incentiva o uso exagerado dos fármacos através da

publicidade de anúncios, banners, placas, propagandas em programas de televisão, rádio, para impulsionar o consumo de seus produtos farmacêuticos (SELVARA; KUMAR; RAMALINGAM, 2014). No entanto, essa prática ressalta os benefícios e minimizam os riscos provocados em decorrência do abuso medicamentoso.

O uso irracional de medicamentos é apontado também como um dos fatores que propiciam intoxicações. Estudos realizados entre 1986 e 2006 no Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológica (SINITOX), apontaram cerca de 1.220.987 casos de intoxicação no Brasil. Desses casos, 7.597 chegaram a morte, e dessas mortes os medicamentos foram responsáveis por 1.327 casos registrados (MOTA et al., 2012). Intoxicações por má utilização de medicamentos lideram o ranking no Brasil. Dados também coletados pelo SINITOX, através de pesquisas junto a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) informaram que em 2009 houveram 5.936 casos de intoxicação por medicamentos e produtos correlatos (SINITOX, 2014).

Como exemplos de efeitos adversos gerados pelo uso irracional de medicamentos, podemos citar: os analgésicos com quantidades significativas de cafeína, ao serem utilizados por um longo período, podem ocasionar cefaleia de rebote, além da nefrite intersticial; produtos que contenham em sua formulação ácido acetilsalicílico, paracetamol, ibuprofeno ou naproxeno podem desenvolver hepatotoxicidade e hemorragia gastrointestinal; anti-histamínico que mesmo em formulações tópicas podem induzir reações alérgicas, e sobretudo, em outras apresentações podem causar sonolência e sedação quando tomados simultaneamente com sedativos hipnóticos, tranquilizantes, bebidas alcoólicas ou com depressores do sistema nervoso central. O uso impróprio e a longo prazo do Hidróxido de Alumínio, um antiácido, pode gerar constipação intestinal e hipofosfatemia. O abuso de laxantes resulta em cólicas abdominais e distúrbios hidroeletrólíticos (CORELLI et al., 2014).

O objetivo desse estudo foi analisar o perfil de indivíduos que se automedicam em uma farmácia comunitária no município de Itapipoca-CE.

2 MATERIAIS E MÉTODO

Tratou-se de uma pesquisa descritiva, com caráter quantitativo dos usuários que se automedicam. A análise foi realizada entre o período de março a dezembro de 2017. Para a pesquisa foi selecionada a Farmácia Itapipoca, porque a mesma localiza-se em uma avenida de grande fluxo na cidade e onde se concentram o maior número de estabelecimentos farmacêuticos. Seu horário de funcionamento é das 07:00h às 22:00h com intensa demanda para orientação farmacêutica.

A pesquisa foi realizada com indivíduos do sexo masculino e feminino atendidos na farmácia comunitária, no turno da manhã e noite com idade entre 18 a 64 anos, que se automedicavam e aceitaram participar do estudo. Os turnos escolhidos foram aqueles de maior movimento no estabelecimento. Todos os pacientes foram abordados de forma aleatória no momento que solicitavam algum medicamento com o objetivo de garantir uma melhor representatividade. Foram

excluídos da pesquisa aqueles que apresentaram deficiências sensoriais e/ou de comunicação, como por exemplo: alteração de visão, audição ou linguagem, consumidores com deficiência intelectual, gestantes e pacientes oncológicos.

Para a coleta de dados utilizou-se um questionário com perguntas estruturadas, baseada na literatura pertinente e contendo as variáveis de caracterizações da população, como: idade, sexo, escolaridade, naturalidade, se fizeram uso de medicamentos, quem motivou a iniciar o tratamento, qual tipo de plano de saúde usavam, já tiveram alguma reação adversa, fizeram uso de medicamento sem orientação médico-farmacêutica, se conheciam os riscos que a automedicação poderia causar, qual a frequência da automedicação, quais fatores motivaram para automedicação (LOYOLA FILHO et al., 2002).

Após um convite e uma aceitação verbal, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) obedecendo aos preceitos éticos e legais, garantindo o sigilo e a liberdade de recusa em qualquer fase do estudo. A coleta de dados se deu entre o período de agosto a outubro de 2017.

Os dados foram compilados e analisados pelo programa Excel, mediante apreciação descritiva, organizada com os dados estatísticos em planilhas com base no questionário respondido. Os mesmos foram coletados somente após a aprovação da Plataforma Brasil, conforme CAEE: 74125617.0000.8136, aprovado em 31/08/2017.

3 RESULTADOS

O estudo realizado na farmácia comunitária no município de Itapipoca-CE contou com 98 participantes. Observou-se que, dos entrevistados a maioria era do sexo feminino, com uma representatividade de 61,2%, com variação de média de idade de 31,9 anos e desvio padrão 11,4 (com máxima 64 e mínima 18). Cerca de 47,9% dos participantes possuíam nível médio, 45,9% nível superior e 6,1% dos participantes possuíam o nível fundamental ou eram analfabetos.

Em relação a frequência da automedicação, ponderando que automedicação-se a cada três meses seria considerado raramente, todo mês seria analisado com alguma frequência e semanalmente seria avaliado com muita frequência. Na tabela 1 é apresentada a frequência de automedicação dos participantes.

Tabela 1 – Frequência da automedicação

Uso	n (%)
Raramente	45 (45,9%)
Alguma frequência	38 (38,7%)
Muita frequência	15 (15,3%)
Total	98 (100%)

Fonte: os autores

Na pesquisa também se indagou aos participantes quais os problemas que apresentavam

quando recorreram a automedicação, e as respostas encontram-se na tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição percentual e numérico dos motivos relacionados a automedicação

Motivos da automedicação	n (%)
Cefaleia	39 (21,5%)
Resfriados	38 (20,9%)
Viroses	38 (20,9%)
Inflamação	32 (17,6%)
Alergias	20 (11,0%)
Diarreias	6 (3,3%)
Constipação	1 (0,5%)
Outros	7 (3,8%)
Total	98 (100%)

Fonte: os autores

Foi analisado que a facilidade de acesso às farmácias e drogarias predominam com 51,1%, sendo a principal justificativa para a aquisição do medicamento, conforme tabela 3.

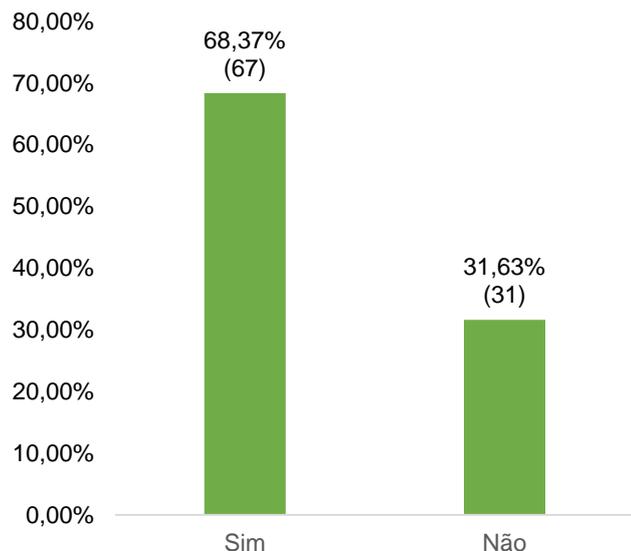
Tabela 3 – Distribuição percentual e numérica das justificativas para a conduta da automedicação

Justificativas para a conduta da automedicação	n (%)
Facilidade de acesso a farmácia	68 (51,1%)
Dificuldade de acesso ao médico	25 (18,8%)
Indisponibilidade para se dirigir ao posto de saúde	20 (15,0%)
Ausência de plano de saúde	8 (6,0%)
Motivação por propagandas de medicamentos	5 (3,7%)
Outros	7 (5,2%)
Total	98 (100%)

Fonte: os autores

Dos indivíduos que praticaram a automedicação, foram interrogados sobre o conhecimento acerca dos riscos que os medicamentos poderiam causar, onde os resultados estão no gráfico 1.

Gráfico 1 – Distribuição percentual e numérica do conhecimento sobre os riscos da automedicação



Fonte: os autores

Perguntou-se aos entrevistados se buscavam informações adicionais sobre os medicamentos, 77,55% (76) afirmaram que sim e 22,45% (22) afirmaram que não. Na tabela 4, seguem as fontes de informação citadas pelos entrevistados.

Tabela 4 – Distribuição percentual e numérica das fontes de informação sobre medicamentos

Principais fontes de informações sobre medicamentos	n (%)
Farmacêutico	40 (36,0%)
Bula	33 (29,7%)
Parente	18 (16,2%)
Internet	11 (9,9%)
Enfermeiro	8 (7,2%)
Outros	1 (0,9%)
Total	98 (100%)

Fonte: os autores

Ao investigar se as informações recebidas foram compreendidas pelos entrevistados, 96,9% asseguraram que sim, enquanto 3,0% citaram que não.

Ao questionar se cumpriam rigorosamente as informações obtidas, 73,4% garantiram que seguiam, enquanto 26,5% mencionaram não cumprir as orientações recebidas.

Ao verificarmos se o indivíduo já realizava o uso de medicamentos prescritos pelo médico no período da automedicação, 55,1% citaram que não e 44,1% mencionaram que sim.

Avaliou-se a duração da utilização dos medicamentos e se haviam verificado alguma interação entre eles, onde podemos observar que 81,8% dos pesquisados usaram de 1 a 2 dias, 9,0% usaram por 3 a 4 dias e 9,0% usaram por mais de 5 dias. Desses

indivíduos, 52,2% não verificaram interação medicamentosa entre eles, enquanto 47,7% alegaram verificar o risco do uso associado.

Ao serem perguntados quais indivíduos influenciaram na automedicação, familiares ou amigos e Profissionais da saúde (não médicos) obtiveram o mesmo resultado representando na tabela 5.

Tabela 5 – Distribuição percentual e numérica dos agentes influenciadores da automedicação

Influências da automedicação	n (%)
Familiares ou amigos	33 (28,2%)
Profissional da saúde (não médico)	33 (28,2%)
Prescrições anteriores	29 (24,7%)
Tinha em casa sem a prescrição médica	9 (7,6%)
Publicidade	6 (5,1%)
Outros	7 (5,9%)
Total	98 (100%)

Fonte: os autores

Ao questionarmos sobre a importância do farmacêutico na conduta da automedicação, observou-se que 58,1% acreditaram ter um papel positivo.

4 DISCUSSÃO

A prevalência da automedicação encontrada no nosso estudo corrobora com outros conduzidos no Brasil (VIDAL; ORTIZ, 2005; HERRERIAS et al., 2000; LIRA JUNIOR et al., 2003)

Em relação ao sexo, nossos resultados são semelhantes aos apresentados por Vitor e colaboradores (2008) que dos 742 indivíduos pesquisados 57,5% foram do sexo feminino e 42,4% do sexo masculino. A automedicação ter sido predominante entre o sexo feminino reflete um fato de que as mulheres sofrem com as alterações hormonais associadas à menarca, ao uso de contraceptivos hormonais, à gravidez e a menopausa, que geram dores de cabeça, enxaquecas e dores musculares conforme esclarece Arrais e colaboradores (2005), Carvalho e colaboradores (2005).

Sobre o nível de escolaridade, na pesquisa de Vitor e colaboradores (2008) ressaltam que 50,4% foram do ensino médio, diante de 38,2% nível superior e 11,3% do nível fundamental. Picon e colaboradores (2014), refletem que indivíduos com nível superior tendem a utilizar menos medicamentos, pois possuem maior acesso ao sistema de saúde privado e conseqüentemente maior acesso ao médico, o que acaba por reduzir a incidência da automedicação. E que os indivíduos de nível médio, automedicam-se com maior frequência pela falta de acesso ao sistema de saúde e/ou dificuldade de atendimento médico, gerando a automedicação uma alternativa viável para o indivíduo.

Pode-se confirmar nossos resultados com o estudo de Bastiani e colaboradores (2005), que dos 100 entrevistados, 54% afirmaram se automedicarem

raramente, 20% disseram não praticar com frequência, 26% informaram que praticam a automedicação frequentemente. Essa frequência dos indivíduos recorrerem a automedicação. Elucidada nas pesquisas de Xavier e colaboradores (2016) constataram que a maioria dos indivíduos diante de alguma enfermidade optam em automedicar-se como forma de autocuidado, do que procurar o médico como primeira alternativa para o cuidado a saúde.

Aquino (2008) ressalta que a automedicação é prevalente entre os brasileiros, devido à precariedade da atenção básica e que o sistema público de saúde deveria fornecer a todos o acesso aos serviços sem que obrigassem os indivíduos a ficarem longos períodos aguardando um atendimento médico. Para as pessoas que dependem da rede pública, é mais vantajoso irem diretamente às farmácias ou drogarias e adquirirem os medicamentos do que esperarem por uma consulta médica.

De acordo com Andrade e colaboradores (2012) os fatores que influenciam para a conduta da automedicação foram a Cefaleia, Resfriados e Viroses e Inflamação. Araújo e colaboradores (2007) também relataram as dores de cabeça, resfriados e inflamações os motivos primordiais e indutores para a prática da automedicação. Os sinais dessas enfermidades se tornaram os principais motivadores da automedicação por se tratarem de doenças de simples diagnósticos, sendo reconhecidas pelos próprios indivíduos, e seus sintomas serem tratados com medicamentos de fácil acesso pelos usuários.

Canindé e colaboradores (2012) apontaram em Coité-BA que os principais motivos para a automedicação se justificaram pela dificuldade de se conseguir um atendimento médico. E que a facilidade de acesso às farmácias, mediante a presença do farmacêutico, são meios que servem para conscientizar os cidadãos sobre o uso racional de medicamentos, mediante o compromisso desse profissional com a saúde, o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas.

Nossos resultados mostraram que os indivíduos que recorrem a automedicação conhecem os riscos dessa prática. Na pesquisa de Ferraz e colaboradores (2008) realizada em Juiz de Fora-MG, observou-se uma confirmação desse estudo, pois dos 157 pesquisados 66,7% dos entrevistados responderam ter conhecimento e se preocuparem quanto ao risco da automedicação e 8,6% responderam não conhecerem e não se preocuparem com os riscos dessa prática. Hudson e colaboradores (2005) relataram que a importância da população em obter informações adequadas e suficientes sobre os medicamentos, está na ideia de que, uma vez que os indivíduos tenham conhecimento sobre os riscos e benefícios dos fármacos, as pessoas passariam a utilizá-los de forma mais racional, segura e eficaz.

A maioria dos entrevistados afirmaram procurar informações adicionais sobre os medicamentos. Mendonça e colaboradores (2005) em sua pesquisa em Lisboa citaram o Farmacêutico com 47,8% a principal fonte de informação sobre medicamento, em seguida de Bula (39,1%), Enfermeiro (8,7%), Parente ou Amigo (4,4%).

O farmacêutico como primeiro orientador para informações sobre os medicamentos é um dado positivo, já que esse profissional é o primeiro a ter contato com o paciente, podendo realizar uma orientação segura e eficaz. É ele o profissional que exerce a função de comunicador, que está mais perto de identificar possíveis situações de riscos, onde é capaz de realizar a anamnese que auxiliar no diagnóstico médico (ALCANTARA et al., 2003).

O farmacêutico se caracterizou como a principal fonte de informação, porque esse profissional consegue captar o conhecimento necessário e repassar de forma objetiva e clara para os usuários, conforme Mota e colaboradores (2012). O estudo de Mendonça e colaboradores (2005), mostrou que 91% dos entrevistados compreenderam as informações recebidas, enquanto que 9% admitiram não compreenderem.

No que se refere ao cumprimento da orientação recebida, na pesquisa de Dewulf e colaboradores (2006), obteve-se um resultado de 86,3% para sim e 13,7% admitiram não cumprir a posologia recomendada. Para Silva e colaboradores (2005) é complexo o fato de o consumidor resistir à tentação de não alterar as doses recomendadas ou de obter uma boa adesão ao tratamento. O que leva o indivíduo a agir por sua conta própria e com isso se expor a riscos desnecessários na falta de conhecimento, contudo o indivíduo que cumpre as orientações repassadas, tem a maior probabilidade de realizar o uso do medicamento com maior confiança.

A maioria dos entrevistados relataram não fazer o uso de medicamentos prescritos durante a automedicação. O estudo de Souza e colaboradores (2010), realizado em Alfandegas-MG com 571 usuários, demonstraram que 86% dos indivíduos não faziam uso e 14% alegaram fazerem o uso de medicamentos concomitantes no período da automedicação. Arrais e colaboradores (2016) relata que o correto é o indivíduo utilizar medicamentos de forma individualizada, pois o uso simultâneo de dois ou mais fármacos podem interagir entre si, ocasionando a potencialização de um medicamento, a perda da sua ação farmacológica ou surgimento de efeitos adversos indesejáveis com comprometimento a saúde do indivíduo.

Andrade e colaboradores (2012) relataram que o tempo de tratamento é um fator importante para a cura de uma doença, pois se deve obedecer a posologia dos medicamentos. Verificar a interação medicamentosa é fundamental para evitar riscos de intoxicação, agravamento de doenças ou mascaramento de sintomas.

Na pesquisa de Barbosa e colaboradores (2012) verificou-se que os principais influenciadores foram familiares ou amigos (66%), profissional da saúde (não médico) (34%), prescrições anteriores (26%), ter o medicamento disponível em casa (20%) e publicidade (1,4%). Utilizar medicamentos por influência de familiares e ou amigos, prescrições anteriores ou não, é um dos primeiros recursos que os entrevistados citaram serem os principais influenciadores no momento da automedicação.

Silva e colaboradores (2004) citam que a figura materna é a principal influenciadora no ambiente familiar para a orientação do consumo de algum medicamento.

Geralmente a mãe, está associada à imagem de provedora e protetora do filho, reiterando um laço de confiança que justificam os parentes apresentarem um elevado índice de influenciadores na conduta da automedicação. Além de familiares, os profissionais da saúde também exercem um papel de relevância, já que eles também conhecem alguns protocolos de tratamentos e cuidados aos pacientes.

O profissional farmacêutico pode ser entendido como um agente de saúde de fácil acesso e encontrado na maioria das farmácias e drogarias do Brasil. Picon e colaboradores (2014) relataram que 43,3% dos entrevistados acreditam ser importante o papel do farmacêutico, enquanto 14,4% não acreditaram na sua importância. Com esses dados analisamos que fornecer informações seguras e privilegiadas às pessoas que buscam informações, é um ato benéfico que proporciona segurança ao paciente, conforme ressalta Arrais e colaboradores (2016). Tal influência exige que esse profissional tenha noção exata de sua competência e dos limites de sua intervenção no processo de saúde-doença. Araújo e colaboradores (2007), relatam que o papel do farmacêutico é importante para o uso racional de fármacos, sem estimular o consumo excessivo e incentivar, sempre que for preciso, a procura por um profissional médico.

4 CONCLUSÃO

Com este trabalho pode-se concluir que apesar dos dados serem limitados a um pequeno grupo de entrevistados, os resultados adquiridos demonstraram que predominam as mulheres com esta conduta e a facilidade de acesso as farmácias justificam essa prática.

A pesquisa demonstrou que a automedicação é motivada por doenças comuns como dores de cabeça, resfriados, viroses e inflamações. E que a maioria dos usuários afirmaram saberem dos riscos, por isso buscavam no farmacêutico a orientação adequada no momento da automedicação.

Ressaltamos neste trabalho o quão importante se faz a presença do farmacêutico na farmácia comunitária, pois este profissional deve conhecer os aspectos do medicamento, como posologia, interações, efeitos adversos, e assim oferecer um serviço de saúde pública aos indivíduos que o procuram, atingindo o bem-estar do paciente na Atenção Farmacêutica e influenciando positivamente na automedicação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. T. S. et al. Avaliação dos hábitos associados à automedicação em uma farmácia comunitária em Acaraju-SE: A luz para o farmacêutico. **Cadernos de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 1, n. 1, p. 19-31, 2012.

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Conceitos técnicos, medicamentos**. ANVISA, 2014.

AQUINO, D. S. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.14, supl 2, p. 733-36, 2008.

ARAUJO, J. J. et al. Automedicação em adultos na cidade de Guairacá. **Arquivos de Ciências da Saúde**, v. 2, n. 2, p. 83-88, 2007

ARRAIS, P.S.D. et al. Prevalência e fatores determinantes do consumo de medicamentos no Município de Fortaleza, Ceará, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, n. 6, p. 1737-1746, 2005

ARRAIS, P. S. D. et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Revista Saúde Pública**, v. 50, supl 2, p. 1-11, 2016

BARBOSA, L. B. et al. Perfil da automedicação em estudantes do município de Laranjal/ MG. **Acta Biomédica Brasiliense**, v. 3, n. 1, p. 98-109, 2012.

BASTIANI, A.; ABREU, L. C.; SILVEIRA, K. L.; LIMBERGER, J. B. O uso abusivo de medicamentos. **Revista Ciências da Saúde**, v. 6, n. 1, p. 27-33, 2005.

CANINDÉ, A. et al. Avaliação da automedicação na cidade de Conceição do Coité-BA. **Faculdade Nobre De Feira De Santana**, v. 32, n. 3, p. 1-31, 2012.

CARVALHO, M. F. et al. Utilization of medicines by the Brazilian population 2003. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, supl. 1, p. 100-108, 2005.

CORELLI, R. L. et al. Potencial terapêutico e tóxico de fármacos de venda livre. In: KATZUNG, B. G.; MASTER, S. B.; TREVOR, A. J. **Farmacologia Básica e Clínica**. Porto Alegre/RS: AMGH Editora Ltda, 2014. 1124p.

DEWULF, N. L. S. et al. Adesão ao tratamento medicamentoso em pacientes com doenças gastrointestinais crônicas acompanhadas no ambulatório de um hospital universitário. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 42, n. 4, p. 575-584, 2006.

FERRAZ, S. T. et al. Comportamento de uma amostra da população urbana de Juiz de Fora – MG perante a automedicação. **HU Revista Juiz de Fora**, v. 34, n. 3, p. 185-190, 2008.

HERRERIAS T.; MARTINEZ M.; BARETA G.M.S. Automedicação em Curitiba. **Infarma**, v.12, n. 5/6, 2000

HUDSON, W. O. et al. A importância do profissional farmacêutico no combate à automedicação no Brasil. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 5, n. 1, p. 67-72, 2008.

LOYOLA FILHO, A. I.; UCHOA, E.; GUERRA, L.H.; FIRMO, J.O.A.; COSTA, M.F.L. Prevalência e fatores associados a automedicação: resultados do projeto Bambuí. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, n. 1, p. 55-62, 2002

LYRA JUNIOR D. P.; OLIVEIRA M.A.C.; BARRETO R.J.R. Perfil da Automedicação na farmácia-escola da UFPE. **Infarma**, v.15, n. 1/3, p.72-74, 2003.

MARQUES, T. R. **Fatores associados a automedicação**. 2014. 110 f. Dissertação (Graduação em Farmácia) – Centro de Ciências Farmacêuticas, Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires, Goiás, 2014.

MENDONÇA, R. T. et al. Discussão sobre intoxicações por medicamentos e agrotóxicos no Brasil de 1999 a 2002. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 2, n. 2, p. 45-63, 2005.

MENGUE, S.S.; BERTOLDI, A.D.; BOING, A.C.; DA SILVA, D.A.L.; PIZZOL, T.; OLIVEIRA, M.A. Pesquisa Nacional sobre Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de Medicamentos (PNAUM): métodos do inquérito domiciliar. **Revista de Saúde Pública**, v. 50, n.4, p. 30-8, 2016.

MOTA, D. M. et al. Perfil da mortalidade por intoxicação com medicamentos no Brasil, 1996-2005: retrato de uma década. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 1, p. 61-70, 2012.

PICON, S. et al. Perfil de indivíduos que se automedicam em uma drogaria do município de Porto Alegre/RS: o papel do Farmacêutico. **Ciência em Movimento**, v. 6, n. 32, p. 65-9, 2014.

SELVARAJ, K.; KUMAR, S.G.; RAMALINGAM, A. Prevalence of self-medication practices and its associated factors in Urban Puducherry, India. **Perspectives in Clinical Research**, v.5, n.1, p. 32-6, 2014

SINITOX. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. **Casos de intoxicação por medicamentos dados registrados em (2014)**. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, [s.a.].

SILVA, C. H. et al. Consumo de medicamentos em adolescentes. **Jornal de Pediatria**, v. 80, n. 4, p. 326-332, 2004

SILVA, G. M. S. et al. Análise da automedicação no município de Vassouras – RJ. **Infarma**, v. 17, n. 5/6, p. 6-12, 2005.

MARTINEZ, J.E., PEREIRA, G.A.F., RIBEIRO, L.G.M., NUNES, R., ILIAS, D.; NAVARRO, L.G.M. Estudo da automedicação para dor musculoesquelética entre estudantes dos cursos de enfermagem e medicina da Pontifícia Universidade Católica - São Paulo. **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 54, n. 2, p. 90-4, 2014

SOUZA, L. H. T. et al. Automedicação versus automedicação responsável: uma análise em três escolas de Alfenas-MG. **Revista Brasileira de Odontologia**, v. 67, n. 1, p. 8-12, 2010.

VIDAL, E.R., ORTIZ, P.M. Prescripción médica o automedicación. **Atencion Primaria**, v. 36, n. 5, p. 285, 2005.

VITOR, R. S. et al. Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, supl. 1, p. 737-743, 2008.

XAVIER, R. S.; BARROS, J. P. Automedicação entre acadêmicos de enfermagem no sertão do pajeú. **Saúde Coletiva em Debate**, v. 6, n. 6, p.12-23, 2016

SOBRE OS AUTORES

Vanessa Castro de Oliveira
Faculdade UNINASSAU, Brasil

Acadêmica do curso de Farmácia da Faculdade UNINASSAU - Fortaleza.

E-mail: vanessaas238@gmail.com

Malena Gadelha Cavalcante
Faculdade UNINASSAU, Brasil

Farmacêutica. Mestre e doutoranda em Ciências Médicas. Docente da Faculdade UNINASSAU - Fortaleza.

E-mail: vanessaas238@gmail.com

Leonardo Freire Vasconcelos
Faculdade UNINASSAU, Brasil

Fisioterapeuta. Doutor em Biotecnologia. Docente da Faculdade UNINASSAU - Fortaleza.

E-mail: lfreire1985@gmail.com

Alyne Mara Rodrigues Carvalho
Faculdade UNINASSAU; Universidade Federal do Ceará, Brasil

Doutora em Farmacologia e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de medicamentos (NPDM) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente dos cursos de Farmácia e Enfermagem na faculdade UNINASSAU.

E-mail: alynemara@gmail.com